

## O USO DA IMAGEM NA PESQUISA EDUCACIONAL

MARTELLI, Josyane Milléo – PUCPR

GT: Educação e comunicação/n.16

Agência Financiadora: não contou com financiamento



**Foto 1** – Autor desconhecido. **Formatura do Curso de Contabilidade do Colégio São José de Curitiba – Pr. 1948.** fot.: p & b.

**RESUMO** – O presente artigo pretende demonstrar a importância da leitura de imagens como atividade educacional, desenvolvendo o olhar crítico e ensinando a aprender a ver. Na sociedade moderna a ênfase está no texto escrito; ninguém aprende a ler imagens, embora elas possibilitem leituras complexas. A leitura visual sempre foi importante para o homem, indo além de sua representação, despertando emoções e, até mesmo, ignorando a razão. A fotografia é uma imagem-ato onde técnica e simbolismo se entrelaçam; registra sem interpretar sendo testemunho da realidade. Para demonstrar as diversas relações que a utilização da imagem pode assumir, este artigo utiliza-se de fotos, não apenas para ilustrar, mas como parte integrante e essencial do texto. A leitura fotográfica depende de um conjunto de atos perceptivos e psíquicos do espectador, bem como da legitimidade de seu uso no contexto ao qual se insere. Esta dependência leva ao questionamento da ética e regulamentação do uso da imagem em situações do cotidiano, nas pesquisas educacionais e na própria escola. Seu uso ainda é um recurso pouco explorado. Esta pesquisa torna-se um espaço/tempo adequado para levantar questionamentos sobre a necessidade de realizar novas práticas escolares; em um tempo onde a imagem vale mais do que mil palavras o desafio é desenvolver a capacidade de ter olhos para ver e entender.

### INTRODUÇÃO

Para a maioria das pessoas o texto escrito é sempre o referencial mais importante, onde se tem a possibilidade de voltar, pensar e refletir. Mas, não podemos deixar de pensar que uma parte da população mundial desconhece a linguagem escrita. São os “iletrados” e para eles o mundo é composto apenas pela linguagem oral e por imagens. Ao longo da história a imagem sempre teve importante papel na sociedade e na cultura, como também em minha vida; desde pequena pensei em forma de imagens, desenhos, fotos, livros, filmes. Este gosto me levou a fazer cursos de fotografia e a estudar o assunto. Ao ler o texto “*Testimonio y poder de la imagen*” de Marisol Rodrigues Gutiérrez, publicado no livro “**Etnografía. Metodología cualitativa em la investigación sociocultural**”, encontrei referências interessantes sobre a história e o uso da fotografia nas pesquisas etnográficas. Foi o primeiro texto que li que enfatizava o uso da fotografia na pesquisa. Mais tarde encontrei outras referências sobre a importância da imagem e da fotografia na Pedagogia e na História da Educação. Este trabalho está basicamente fundamentado no texto de GUTIÉRREZ (1995) e pode-se até dizer que é uma ilustração de seu texto.

## 1. A IMAGEM - UM TESTEMUNHO HISTÓRICO

*O cotidiano de nossas vidas é constituído de múltiplas e variadas imagens. A cada manhã, essas imagens que emergem de nosso cotidiano nos convidam a ver, ouvir, cheirar, provar, sentir. Como Diz Camus, pensamos por imagens.*

*(Ângela Vieira de Alcântara, 2001)*

### 1.1 A imagem

A história da imagem e do imaginário remonta a origem da humanidade e do psiquismo humano. O imaginário é do domínio da imaginação, faculdade criativa e produtora de imagens interiores eventualmente exteriorizadas e, é responsável pela formação da identidade de cada indivíduo. GUTIÉRREZ (1995) define que a construção da identidade se apóia sobre dois estágios fundamentais:

- O imaginário inicia-se a partir dos seis meses de vida com a denominada “fase do espelho”, na qual a criança consegue pela primeira vez contemplar e identificar sua imagem que só conhecia por fragmentos (pés e mãos) e, através da imagem de sua mãe e pessoas que o cercavam. Esta fase constituirá a matriz e o esboço do que será o seu “eu” - sua identidade.
- Aproximadamente aos cinco anos ocorre o estágio do simbolismo, quando a criança já consegue organizar seu esquema corporal e começa a perceber as diferenças e

semelhanças entre o seu corpo e os das pessoas que o cercam, o “eu” e os “outros”. Como vemos na foto a seguir.



**Foto 2 –MARTELLI, J. Olhando você.** 2003. fot.: color.

A produção da imagem jamais é gratuita. Elas Sempre foram fabricadas para determinados usos, individuais ou coletivos. Esta imagem apresenta diversas funções que se confundem com as produções humanas através da história, em sua busca para estabelecer uma relação com o mundo. Três modos para estabelecer esta relação são identificados por AUMONT (1993).

❖ **Modo Simbólico:** As primeiras imagens tiveram sua origem na religião com o culto aos mortos e o desejo do triunfo da vida sobre a morte, apresentando um poder mágico e protetor. A imagem se apresenta como uma resposta a angustia da morte e da desintegração do corpo. As primeiras esculturas eram ídolos, divindades produzidas e veneradas. Mas, os simbolismos não são apenas religiosos; valores políticos e sociais são também representados simbolicamente.

❖ **Modo Epistêmico:** A imagem traz informações (visuais) sobre o mundo, que pode ser assim conhecido, inclusive em alguns aspectos não-visuais. Essa função tornou-se mais importante na era moderna, com o aparecimento de gêneros “documentários” como a paisagem e o retrato.

❖ **Modo Estético:** A imagem é destinada a agradar o espectador, pode se fazer passar por imagens artísticas.

Os retratos de grupos e as fotos familiares retêm momentos em que desejamos deter o tempo e o espaço já vivido, sentimentos e sensações nos acompanham ao voltar a mirá-las. Os álbuns de fotografia representam a reconstrução biográfica de um



indivíduo ou grupo, através das imagens. Guardam fragmentos do tempo.

**Foto 3** – Autor desconhecido. **Casal da família Ferreira de São Mateus do Sul – Pr.** Década de 10. fot.: p & b.

As fotografias contam histórias, revelam o ambiente, falam sobre as pessoas. Funcionam como artifícios para fixar a memória, evitar o esquecimento, garantir um lugar na posteridade. Emolduram o tempo. Organizam experiências. Acusam a passagem vertiginosa da vida. (MIGNOT, 2001 p.73).

As fotos não apenas nos contam a história explícita, mas também uma outra história mais sutil e não menos importante. Ao folhear um álbum de família, com sua história oficial, podemos tentar conhecer os processos de seleção dessas fotos, quem deixa de aparecer nestas fotos, qual a posição que cada qual ocupa na foto. O que contam e o que escondem,

O mundo dos sentidos (visão, tato) e das emoções orchestra a linguagem das imagens: o olho e o tato constituem a primeira forma de comunicação humana. Durante milênios, através das imagens e dos rituais se transmitiu a religião. Na religião católica a comunidade dos iletrados utiliza a imaginária religiosa: a Crucificação, a Santa Ceia, o Nascimento de Jesus, entre outros tantos exemplos. A Igreja primitiva proibia o uso da imagem porque era considerada como diabólica e impura.

Nas fotos a seguir, estão registrados os momentos da Primeira Comunhão de uma criança e 56 anos depois, a de sua neta. Um simbolismo da religião católica que se transmite através dos tempos.



**Foto 4** – Autor desconhecido. **Primeira Comunhão.** 1937. fot.: p & b.



**Foto 5** - MARTELLI, J. **Primeira Comunhão.** 1993. Fot.: color.

## 1.2 Organização da imagem

A percepção visual é, de todos os modos de relação entre o homem e o mundo que o cerca, um dos mais conhecidos. As imagens são feitas para serem vistas: é o olhar

que organiza a experiência e produz sentido à imagem. O poder da imagem-coisa produz sentimentos e emoções (imagens mentais) e através delas penetramos no mais escuro, nas sombras do nosso inconsciente.



**Foto 6** – MARTELLI, J. Nova York – ilha de Manhattan. 2001. fot.: color.

O domínio da imagem é mais forte que o poder da letra. Certas imagens são mais fortes que palavras e nos levam a recordar os mesmos fatos e nos despertam sentimentos semelhantes. Na foto anterior vemos as torres gêmeas do “World Trade Center” em Nova York (a imagem foi registrada em janeiro de 2001) alguns meses antes do atentado de 11 de setembro. A visão das torres nos faz recordar o atentado tão divulgado na mídia e que não está registrado na foto.

A imagem é tanto um objeto de contemplação como geradora de crenças e atos; esta natureza narcisista da mirada (olhar) encerra a dicotomia entre o intelectual/abstrato (linguagem verbal) e o corporal/concreto (linguagem não-verbal).

Uma linguagem ainda que não possa ser lida é interpretada por quem a mira, desperta emoções, sentimentos. A emoção que desperta vale mais do que mil explicações verbais. A imagem precede o tempo afetivo-corporal, do religioso e da morte, ignorando as construções da razão. A leitura de fotos como a “rosa vermelha” abaixo, pode despertar os mais variados sentimentos, dependendo da história individual e do momento de vida de cada leitor; mas sempre indicará uma mensagem a ser lida.



Foto 7 – MARTELLI, J. **Uma rosa vermelha**. 2001. fot.: color.

Podemos concluir, quanto à importância da leitura de imagens, citando SGARBI (2001, p.123):

“Uma imagem vale mais que mil palavras” é um ditado popular que já ouvi inúmeras vezes nas mais variadas situações e com as mais diversas intenções. No entanto, uma imagem pode dizer tão pouco ou menos que mil palavras. É preciso tomar mais cuidado para não cairmos na esparrela de que o mundo se expressa por imagens. Elas são tão definitivas e importantes quanto outras linguagens que fazem parte da complexidade do mundo. A imagem em si não reflete realidades, nem permite leitura de mundos; porém, como todas as demais formas de linguagem a leitura feita com o olhar esta carregada de sentidos e sentimentos.

### **1.3 As mensagens visuais em nossa sociedade**

Na era do audiovisual, a imagem se insere em um tempo pontual e de lazer, a informação visual se converteu em uma via de orientação e causa da conduta e pensamento das massas. Surge assim a nova “imagem religiosa”, o culto das imagens, do cinema, da TV, das fotografias, da publicidade e etc. A linguagem funciona através

de elementos icônicos e simbólicos direcionados aos núcleos básicos do psiquismo humano, rompendo as barreiras do consciente.

O espectador das imagens não vivencia diretamente o mundo que observa através das mensagens visuais que recebe, mas sim consome reproduções dessa realidade, e as faz suas. O espectador vê e conhece através dos olhos de outro, que produziu a imagem.

A era da imagem se associa a civilização do consumo. É durante os momentos de lazer que o sujeito busca a contemplação de imagens, na qual se sente participante e não só receptor. Participa através da identificação com as mensagens recebidas e compartilha com grupo de uma mesma vivência.



**Foto 8 – MARTELLI, J. Os lápis e as cores. 2001. fot.: color.**

No mundo da publicidade de consumo a imagem é muitas vezes mais importante do que o produto. Falar do universo das imagens é falar do mundo dos desejos e das necessidades de satisfazê-los. Pela reconstrução imaginária da TV, do cinema, da imprensa, etc. o sujeito é capaz de: fabricar um mundo paradisíaco e alienante de êxito e prazer (publicidade de consumo), confrontar-se com a morte e a destruição (noticiários/documentários) e com a publicidade social (campanhas, prevenções). O culto à imagem do corpo torna-se importante como forma de ascensão e busca da juventude e beleza.

## **2. A FOTOGRAFIA**

## 2.1 O significado da fotografia na história

A fotografia não é apenas uma imagem, mas uma imagem-ato onde técnica e simbolismo estão entrelaçados. GUTIÉRREZ (1995) cita três passos ou atos na produção de uma imagem por meio de uma fotografia:

- O ato de produção – como foi produzida,
- O ato da recepção – como será percebida; e finalmente,
- O ato da contemplação – o que está representado.

A invenção da fotografia uniu duas invenções: uma óptica (câmara escura) e outra química (inscrição da imagem no filme). A fotografia foi considerada um método melhor que a pintura como referência de credibilidade. Uma pintura sempre reflete a personalidade do autor, enquanto a fotografia não interpreta e sim registra. Desde o seu surgimento no século XIX, até a atualidade, sua história está dividida em três tempos, como a própria história da imagem: ícone, símbolo e índice.

❖ **Ícone** – A fotografia como espelho do real. A fotografia começa a tomar função social, anteriormente atribuída à pintura. Natureza testemunhal, um registro de um momento importante para uma pessoa ou um grupo de pessoas.



Foto 9 – MARTELLI, J. O natal de 2002. 2002. fot.: color.

Na foto anterior está registrado um natal na vida de um grupo de amigos. Não existe referência de quantos natais já passaram juntos, mas este momento estará representado e terá um significado especial para estas pessoas.

❖ **Símbolo** – A fotografia como transformação do real. Representa uma pista da realidade, a imagem fotográfica está culturalmente codificada.

ALVES (2001, p. 9,10) lembra a citação de GOMBRICH, “a significação de uma imagem permanece em grande parte tributária da experiência e do saber que a pessoa que a contempla adquiriu anteriormente. Neste tocante, a imagem visual não é uma simples representação da “realidade” e sim um sistema simbólico”.



**Foto 10** – Autor desconhecido. **Foto escolar tradicional.** 1990. fot.: color.

A foto acima é um símbolo de um momento escolar, é uma foto tradicional que vem sendo tirada a décadas: o aluno apoiado sobre uma mesa e algum emblema referente a escola em que estuda.

❖ **Índex** - A fotografia como prova do real. A fotografia não tem sentido em si mesma, mas seu sentido está determinado pela relação estabelecida entre o objeto e a situação enunciada. A fotografia é singular, já que é uma prova única que não poderá se repetir nunca mais; é um testemunho, um certificado.

Novamente ALVES (2001, p.7) comenta em seu livro “**Espaços e imagens na escola**”, que por muito tempo não se teve clareza da importância da imagem para a compreensão e o conhecimento da realidade, em especial porque isso exigia à crítica da mesma. É quase impossível falar de algo sem usar imagens – sejam literárias, sejam visuais.



**Foto 11** – Autor desconhecido. Curitiba – Rua XV de Novembro na década de 20. Década de 20. fot.: p & b.

## 2.2 O espaço e o tempo

A fotografia é uma representação do “aqui e agora” onde o tempo torna-se uma fração de segundos, congelado em um espaço determinado e limitado pela lente da máquina. O que acontece antes e depois não é registrado, assim como, tudo que não está no quadro não aparece na foto.

ALCÂNTARA (2001, p.89), cita Maria Lúcia C. MIGUEL: “...as fotografias não são espelhos fiéis dos fatos, mas fragmentos recortados num tempo e num espaço específicos. Para ele, as fotos são produzidas por alguém com endereço determinado, o que as faz plenas de ambigüidade e significações, muitas vezes não-explicitas, necessitando, por isso, de decifração”.

Por meio das fotografias a seguir, podemos constatar a passagem do tempo no espaço familiar dos dois irmãos. Mais do que uma recordação, as fotografias tornam-se um registro da passagem tempo.



**Foto 12 – MARTELLI, J. Eduardo e Heloísa.**  
1997. fot.: color.



**Foto 13 – MARTELLI, J. Eduardo e Heloísa.**  
2002. fot.: color.

Temporalmente a imagem-ato fotográfico interrompe, fixa um só instante. O tempo é uma fração de segundos que se converte em um momento eternizado. A Fotografia detêm o tempo; é uma memória do passado, de um tempo descontínuo e sincrônico, como vemos nos pingos de água congelados da foto abaixo.



**Foto 14 – MARTELLI, J. A flor e a chuva.** 2001. fot.: color.

Da mesma forma que o tempo, o espaço localiza essa mesma experiência em um campo determinado. O espaço da fotografia é um bloqueio do contínuo, do qual não se pode sair, detêm o movimento; o que está fora do campo visual não é percebido, estando incluído no campo da representação. Se a cena não pode ser incluída na

realidade conhecida do espectador é necessário incluir o apoio de outras imagens ou um texto complementar.

Na leitura fotográfica o papel do espectador se refere a um conjunto de atos perceptivos e psíquicos que o levam a perceber e compreender a imagem. O caráter simbólico da imagem se converte em mediadora entre o espectador e a realidade. A natureza simbólica põe em movimento o saber, afetos, crenças, modelos culturais e sociais dos quais o espectador é uma parte integrante. As imagens como meio de comunicação e representação do mundo são universais, têm seu lugar em cada sociedade humana, mas sempre são particulares, em diferentes culturas.

Abaixo vemos o trabalho de tingir couro, um dos produtos mais importantes na economia marroquina. A fotografia foi realizada em Marrocos, na cidade de Fez e representa um modelo de cultura em uma sociedade. Esta imagem fornece ao espectador uma realidade diferente a ser analisada.



**Foto 15 – MARTELLI, J. Marrocos e o tingimento do couro. 2001. fot.: color.**

Novamente citando GUTIÉRREZ (1995), que escreve a reação do espectador ante a fotografia. O espectador recebe informações (função epistemológica), sensações (função estética) e representação sócio-cultural (função simbólica), de tal forma que a imagem lhe permite reafirmar sua relação com o mundo visual. Pelo reconhecimento da realidade apresentada na fotografia e pela memorização de um certo saber sobre o real, o espectador reconstitui ativamente a imagem.

O plano da interpretação dessa imagem fotográfica leva o sujeito não só a crer no que vê, mas a crer que a fotografia possui um caráter revelador sobre a realidade

representada. A diferença entre a “foto do fotógrafo” e a “foto do espectador” está na objetividade do primeiro e a subjetividade do segundo.



**Foto16.a** – MARTELLI, J. **Marrakech** . 2001. fot.: color.

O fotógrafo muitas vezes tenta registra mensagens que não estão explícitas nas imagens. Na fotografia acima, além do exotismo da praça do mercado popular da cidade de Marrakech, em Marrocos, o fotógrafo tentou registrar o processo de globalização que afeta a maioria das sociedades e culturas atualmente. Como podemos ver na ampliação abaixo, onde a marca de um refrigerante americano está impressa no toldo de uma tenda.



**Foto 16.b** – MARTELLI, J. **Marrakech**. 2001. fot.: color. (ampliação).

Márcia LEITE (2001, p.100) no texto “Remexendo fotografias e cotidiano” relaciona o objeto a ser fotografado com a imagem e o momento daquele que fotografa:

Uma fotografia revela muito mais do que as imagens do instante fotografado. Além do cenário, dos personagens e das leituras dos tempos e espaços aparentes, ela indica os vínculos e relações presentes nos textos imagéticos e revela, também, o seu autor: a intenção do fotógrafo e até, quem sabe, seus desejos, suas características, suas artes de fazer e de ser. A cena, o ângulo, o enquadramento, a luminosidade e os planos escolhidos narram muitas histórias dos sujeitos instantaneamente eternizados, do autor e de sua criatura. Em cada foto, o fotógrafo faz um registro de si mesmo, marcando lugares e não-lugares nos espaços de sua própria vida.

### 3. A ANTROPOLOGIA VISUAL

A fotografia é mais uma ferramenta no trabalho de campo da Antropologia. O registro visual dos dados recolhidos no transcurso da observação complementa as descrições dos diários de campo, entrevistas, questionários.

#### 3.1 A Fotografia e a Antropologia

No período colonial a fotografia tinha como objetivo ensinar e mostrar aos países ocidentais as imagens de outras culturas chamadas selvagens e exóticas. A manipulação dessas fotografias era freqüente, a serviço da dialética dominador/dominado.



**Foto 17 – Autor desconhecido.. São Mateus do Sul – Pr, anos 30.**  
Década de 30. fot.: p & b.

Nos anos 20 a fotografia era usada como forma de registro de campo nas investigações antropológicas.

A partir dos anos 60 a fotografia foi usada como método qualitativo de investigação etnográfica, conduzindo a formulação da Antropologia Visual. A credibilidade e fidelidade das imagens fotográficas em estudos sócio-culturais constituem um dos pontos mais críticos. O uso de imagens, no que se refere ao estudo do cotidiano, pode ajudar no trabalho teórico-epistemológico no/sobre/do cotidiano, porém, segundo MAFFESOLI, citado em ALVES (2001), é necessário discutir e criar a ética da estética, regulamentar a legitimidade e o uso da imagem.

### **3.2 O testemunho fotográfico**

O testemunho é a função mais importante da imagem fotográfica. A imagem aparece assim carregada de força empírica e serve de apoio e reforço na mensagem narrativo-explicativo. No entanto a fotografia não é imprescindível em uma monografia etnográfica.

Descrever e interpretar uma cultura diferente não é trabalho fácil, por isso, os registros fotográficos ajudam a que o leitor seja capaz de entender, não só a situação social descrita, mas também as implicações psicológicas e simbólicas que dela se desprendem. Uma vez obtidas todas as fotografias estas devem ser organizadas e apresentadas como conclusão de idéias que se podem realizar, sempre vinculadas ao texto, complementando-o.

A natureza testemunhal da imagem estabelece outras questões:

- A objetividade – como foi obtida, com que finalidade foi registrada.
- A credibilidade da fotografia e o perigo da manipulação.

O etnógrafo busca a fotografia mais impactante ou que melhor ilustre seu objetivo. A credibilidade de uma imagem deveria estar baseada na evidência do sentido comum, e não na qualidade essencial da fotografia.

Quanto mais saibamos sobre como uma fotografia se aproxima da vida real, mais podemos julgar sua validade. Com o uso da tecnologia digital é fácil manipular uma fotografia. Sua confiabilidade está associada à confiabilidade do pesquisador e de sua pesquisa.

A foto abaixo foi realizada com câmara óptica, sem manipulação digital, apenas utilizando o recurso de dupla exposição em fundo negro. Mesmo uma câmara comum, não digital, apresenta recursos que podem imprimir uma imagem que não corresponda com a realidade. O que nos leva a novamente enfatizar, que a confiabilidade da imagem está diretamente ligada a confiabilidade do pesquisador, ou a não manipulação de dados.



**Foto 18 – MARTELLI, J. O menino dentro da garrafa.**  
2001. fot.: color.

A imagem mostra uma realidade e a reafirma como existente em um espaço e tempo já passado; esse instantâneo possui uma finalidade comunicativa e testemunhal, que posteriormente o leitor interpretará apoiando-se no texto que acompanha a imagem. Por tanto, a fotografia é objetiva porque guarda um acontecimento existente, real e, é subjetiva na sua forma de realizar e observar.

A fotografia é uma mensagem produzida por alguém e, sempre com endereço determinado. Elas revelam espaços, lugares, fatos ou acontecimentos significativos e conduzem a uma rede de idéias de caráter intelectual e afetivo em diferentes espaços de sociabilidade.

Uma foto sem referências ou em desacordo com o texto ao qual está inserida não tem valor documental, bibliográfico ou até mesmo ilustrativo. Toda foto deve estar identificada, situada no tempo e no espaço.



**Foto 19** – MARTELLI, J. O bebê.



**Foto 20** – MARTELLI, J.O bebê .

As fotos acima estão sem identificação. Pressupomos apenas que os bebês são do sexo feminino, apresentam uma certa semelhança e tem aproximadamente seis meses. Porém, não podemos identificar o tempo ou o espaço que as separam. Ao acrescentar os dados: as meninas são primas, sendo a primeira foto tirada em 1983 e a segunda 1997. Podemos constatar a diferença de 14 anos entre as duas, como na foto abaixo.



**Foto 21** – MARTELLI, J. As primas. 2002. fot.: color.

A presença da câmara fotográfica no trabalho de campo é uma questão ética do etnógrafo; a câmara é introduzida e deve ser usada em função da demanda e perspectivas culturais dos sujeitos de forma que cada solução deve ser tomada individualmente.

## 4. A IMAGEM NA PESQUISA EDUCACIONAL

### 4.1 A fotografia na pesquisa histórica

O passado explica o presente; pensar historicamente o presente é se propor a pensar no estudo da história como mudança e transformação. O texto de BARROS (1992) destaca a importância e o espaço da fotografia como documento histórico e educacional.

A imagem histórico-fotográfica pode construir o discurso sobre a realidade da escola. O século das imagens impõe o estudo da historiografia. A imagem é sempre um monumento, produzido por uma subjetividade que a “veste” de real, que para ser trabalhada como documental, necessita de uma metodologia que interprete suas inferências.

A maioria dos cursos de Pedagogia tem incluído como objetivos de suas propostas curriculares a formação de pedagogos com compreensão crítica dos problemas da educação contemporânea. A História da Educação fundamenta a educação presente e pensa a historicidade da escola, explicando e interpretando os processos históricos objetivos da educação e sobre tudo oferecendo justificativas para o presente.



**Foto 22** – Autor desconhecido. **Ponte sobre o rio Iguaçu em São Mateus do Sul.** Década de 30. fot.: p & b.

A necessidade de compreensão dos problemas é o que leva o historiador a construir a informação histórica que os tornará pensáveis. A leitura que o historiador faz do presente dirige a sua leitura ao passado, ambas organizadas em função de problemáticas impostas por certas situações.

Os prédios escolares expressam um conjunto de idéias, de sentimentos cimentados. As rotinas escolares, as práticas e livros didáticos, os rituais acadêmicos, a condição de gênero, os eventos, os desfiles, as cerimônias, as formaturas estão sendo hoje pensados (NUNES, 1989), conceituados e trabalhados numa perspectiva abrangente, enquanto documento/monumento na História da Educação.

A fotografia é um documento histórico, que expressa momentos vividos por sujeitos sociais. Podemos fazer uma reconstituição histórica de uma determinada realidade, baseada em séries fotográficas e em um contexto histórico. Maria CIAVATTA (2002), nos apresenta uma reconstituição histórica da cidade do Rio de Janeiro de 1900 a 1930 e sua relação com o trabalho, utilizando séries de fotografias de várias fontes (arquivos, museus, fundações e acervos). Sua pesquisa resulta em um livro primoroso, interessante e esclarecedor.

#### 4.2 A fotografia na escola

Aprender a ver é revelação de uma nova epistemologia da visão que segundo Boaventura SANTOS “deve estar no centro de uma nova atitude epistemológica”.

Ver não é somente olhar. O ver necessita estar e não apenas passar pelos espaços. Ver é tecer um lugar no não-lugar. Ver é observar a realidade que se apresenta de forma complexa e inteira diante do seu olhar. Ver não é se colocar como espectador de um mundo ilusório criado por outros olhares. É a possibilidade de sentir antolhos e girar o rosto para inviabilizar sua ação, de não se imobilizar diante do que se vê. Ver é tornar-se capaz de perceber as alternativas e complexidades presentes no cotidiano, mesmo quando não queremos vê-las.

Sendo assim, o que se rejeita desse olhar imposto pela modernidade é sua gigantesca tarefa de impor formas únicas de se ver.

(MONTEIRO, 2001 p.27, 28)

Monteiro nos expõe de forma, até pode se dizer poética, o grande problema da educação moderna, a superação do paradigma tradicional e reprodutor. Precisamos educar para que as pessoas aprendam a ver, aprendam a expor idéias, aprendam a ter ideais e lutar por eles, deixando de ser apenas “reproduções de uma imagem”.

O uso da fotografia na escola pode ocorrer de duas formas: usar a imagem com os alunos ou usar a imagem dos alunos.

Utilizar a imagem em atividades na escola é refletir com os alunos a respeito das múltiplas representações de uma imagem e, de como podem ser manipuladas. A imagem não deve ser utilizada como forma de poder, favorecendo a alguém; deve permitir uma interpretação individual, através da relação: *imagem X emoção*. A interpretação de imagens (fotos, gravuras, manchetes de jornal) é uma importante atividade que pode ser realizada com alunos de qualquer idade com: a identificação do

que está presente, e mais importante, do que está ausente nestas imagens, aprendendo a ver e treinando o olhar crítico, a capacidade de observação e interpretação e, muitas vezes identificando além dos próprios fatos.

Outra atividade importante é a identificação de imagens “manipuladas”, e a favor de quem elas estão. Como essas imagens são aceitas e por que devemos questioná-las. Discutir a presença das imagens nos diversos meios de comunicação e no nosso cotidiano.

Mas, ver uma foto não é apenas interpreta-la, é também senti-la; quais os sentimentos que nos despertam. Ressaltar o seu valor estético e a sensibilidade do observador.

A fotografia também vem sendo aplicada em pesquisas dentro da escola, identificando, algumas vezes, uma escola que não queremos ver. Mas, que só ao vê-la podemos pensar em maneiras de modificá-la. MONTEIRO (2001) descreve esta atividade como produtora de um saber geral sobre a cegueira em nós mesmos, “não víamos o que estávamos olhando”. O trabalho possibilita a superação dessa cegueira coletiva.



**Foto 23 – MARTELLI, F. Aula prática – dissecando peixes.**  
2002. Fot.: color.

O método etnográfico vem sendo aplicado em sala de aula com grande êxito ALVES (2001), descreve em seu texto “**Imagens das escolas**”, o uso de imagem para complementar ou mesmo provocar uma pesquisa. Como em toda pesquisa,

principalmente a fotográfica, a interferência do pesquisador ou do produtor da imagem é um dos principais problemas quanto à imparcialidade da pesquisa. Nilda Alves escreve:

... ao usar imagens escolhidas/selecionadas por mim, estou mostrando “uma” escola: aquela que o artista quis mostrar, naquele *espaço/tempo*. Dependendo do interesse de quem mostra e de quem criou a imagem, em um determinado momento histórico...Precisamos entender, assim, que em uma obra vão aparecer tanto as emoções que o artista desejou transmitir como a sintonia que ele tem, mesmo que disto não se dê conta, com um determinado momento da história, aquele no qual vive. Mas nela existe, também, os tantos sentidos daquele que, com sua história, suas emoções e suas memória, vê a imagem.  
(ALVES, 2001 p. 9).

O uso da imagem é regulamentado por lei, e deve ser observado. Toda imagem utilizada para publicações ou exposições necessita de prévia autorização, nas situações:

- Fotos de arquivos públicos ou particulares – com autorização da entidade, de acordo com os estatutos de cada uma.
- Fotos publicitárias ou profissionais – com autorização, seguindo a regulamentação da lei de direitos autorais vigente no país.
- Fotos de pessoas (individual ou em grupo) – com prévia autorização por escrito das pessoas fotografadas; se menores, a autorização deverá ser assinada pelos pais. Na autorização deverão estar especificados quais fotos serão utilizadas e a qual fim será destinado.

## CONCLUSÃO

Concluimos citando BARROS (1992), que declara não estarmos desatentos às dificuldades metodológicas que o uso da fotografia enfrenta na pesquisa histórico-educacional. Estamos ainda dando os primeiros passos teóricos e éticos para a construção de uma epistemologia onde seja possível a leitura da imagem, superando o viés da pura ilustração ou confirmação, para adquirir um valor real do registro que ela contém.

Saber escutar e saber observar são as bases necessárias para uma boa compreensão e interpretação de outras realidades culturais que nos rodeiam.

A fotografia é um recurso que não vem sendo utilizado na maioria das pesquisas, teses e monografias. Se usado corretamente, poderia enriquecer em muito os trabalhos realizados. Com este texto espero ter esclarecido algumas dúvidas a respeito de seu uso e despertado o interesse para que aceitem o desafio de trabalhar com leitura de imagens e desenvolver a capacidade de ter olhos para ver e entender.

## BIBLIOGRAFIA

- ALCÂNTARA, Ângela Vieira.. **Imagens e memória do cotidiano: o que os olhos vêem?** In ALVES, N. & SGARBI, P. (orgs). **Espaços e imagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons – a nova cultura oral**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001 (Coleção questões da nossa época; v.32).
- ALVES, Nilda. **Imagens das escolas**. In ALVES, N. & SGARBI, P. (orgs). **Espaços e imagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- AUMONT, Jacques; tradução: ABREU, E. S. & SANTORO, C. **A Imagem**. 5ª edição. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- BARROS, Armando Martins de. **O tempo da fotografia no espaço da história: poesia, monumentos ou documentos?** In NUNES, C. (org) **O Passado sempre presente**. São Paulo: Cortez, 1992 (Coleção questões da nossa época; v.4).
- CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- GUTIERREZ, Marisol Rodríguez. **Testimonio y poder de la imagen**. In BAZTÁN, A. **Etnografía. Metodología cualitativa en la investigación sociocultural**. Barcelona: Marcombo, 1995.
- LEITE, Márcia. **Remexendo fotografia e cotidianos**. In ALVES, N. & SGARBI, P. (orgs). **Espaços e imagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- NUNES, Clarice. **O Passado sempre presente**. São Paulo: Cortez, 1992 (Coleção questões da nossa época; v.4)
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_ **Guia preliminar de fontes para a História da Educação Brasileira: Reconstituição de uma experiência**. Rio de Janeiro: PUC, 1989.
- MIGNOT, Ana Crystina Venâncio. **Eternizando a imagem pioneira**. In ALVES, N. & SGARBI, P. (orgs). **Espaços e imagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MONTEIRO, Solange Castellano Fernandes. **Aprendendo a ver: as escolas da/na escola**. In ALVES, N. & SGARBI, P. (orgs). **Espaços e imagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.
- SANTOS, Selma Ferro. **Memórias, histórias de vida, imagens...** In ALVES, N. & SGARBI, P. (orgs). **Espaços e imagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- SGARBI, Paulo. **Colando textos, colando imagens**. In ALVES, N. & SGARBI, P. (orgs.). **Espaços e imagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.